

OS MELHORES DE 2016

DANÇA

Paulo Ribeiro, Clara Andermatt, João Fiadeiro, Vera Mantero (da esq. para a dir.) em "Reencontro"



A urgência da libertinagem

2016 deixa claro que é preciso passar das palavras aos atos, dar o corpo ao manifesto, à luta e ao desejo

TEXTO CLAUDIA GALHÓS

com um carácter singular, irrepetível e histórico de viabilização de uma troca, troca efetiva, entre quatro criadores da chamada Nova Dança Portuguesa, com identidades muito distintas, que dificilmente seria imaginável que viessem a partilhar o mesmo espaço como intérpretes-criadores. Mais ainda: fizeram-no com o despudor de se despiram de sua personalidade artística

CARLOS FERNANDES

Escolhas

REENCONTRO

De Paulo Ribeiro, Vera Mantero, Clara Andermatt, João Fiadeiro e João dos Santos Martins

CHÉRIE CHÉRI

De Miguel Bonneville

O LIMPO E O SUJO

De Vera Mantero

PORTRAIT SERIES: I MIGUEL

De Faustin Linyekula

JAGUAR

De Marlene Monteiro Freitas

SEGUNDA-FEIRA: ATENÇÃO À DIREITA

De Cláudia Dias

EUROPA EM CASA

De Rimini Protokoll

PROJECTO ESPÍOES

De Filipa Francisco

AUTOINTITULADO

De João dos Santos Martins e Cyriaque Villemaux

TUTUGURI

De Flora Détraz

convoca culturas tão distintas que definem a sua identidade ou operando a metamorfose do significado de códigos reconhecíveis, como o faz, por exemplo, com uma simples toalha; e Faustin Linyekula — em o “Artista na Cidade 2016” —, de que o solo aqui referido é apenas um exemplo de um novo espaço

2016 deixa claro que é preciso passar das palavras aos atos, dar o corpo ao manifesto, à luta e ao desejo

TEXTO CLAUDIA GALHÓS

N

ão basta falar dos afetos. Fazem falta Al Bertos, Luiz Pachecos e Mário Cesarinis na dança e nas artes performativas, para abalar o espírito dormente deste século XXI, entremeado por manobras políticas, guerras, conflitos, desapegos e instabilidade... É por aqui que se organiza o destaque de uma coleção de criações que transportam a afirmação da possibilidade/necessidade real de ação por parte de uma comunidade implicada nas relações de mútua influência positivas. Já não basta apenas pensar, diz-nos, por exemplo, Cláudia Dias, é preciso agir. São peças de escala intimista (mas não se conclua daqui a defesa exclusiva de solos e duetos, confundindo este elogio com um argumento útil para manter o desinvestimento nestas artes), tão inteligentes quanto sensíveis. “Reencontro” é intimista de outro modo. Um momento de exceção, em Viseu,

com um carácter singular, irrepetível e histórico de viabilização de uma troca, troca efetiva, entre quatro criadores da chamada Nova Dança Portuguesa, com identidades muito distintas, que dificilmente seria imaginável que viessem a partilhar o mesmo espaço como intérpretes-criadores. Mais ainda: fizeram-no com o despudor de se despirem da sua personalidade artística e de brincarem, rirem, habitarem os movimentos dos corpos dos outros criadores. E, fazendo-o, desenharam no gesto uma crítica saudável ao seu próprio discurso e ao facilitismo tendencioso com que se instalam ideias fixas e fechadas sobre seja o que for. O carácter inédito e significativo ficou reforçado pela colaboração com um coreógrafo da nova geração: João dos Santos Martins. Tendo em conta a história de que cada um faz parte, é um ato de libertinagem equivalente à residência de intimidade que Miguel Bonneville cria em “Chérie Chéri”, apresentado numa casa de libertinagem de Lisboa, a Mise-en-Scène, no âmbito do festival Temps d’Images. A seu modo, cada um destes espetáculos empreende o seu exercício de libertinagem: Marlene Monteiro Freitas, em “Jaguar”, por exemplo, na forma como

De Flora Détraz

convoca culturas tão distintas que definem a sua identidade ou operando a metamorfose do significado de códigos reconhecíveis, como o faz, por exemplo, com uma simples toalha; e Faustin Linyekula — em o “Artista na Cidade 2016” —, de que o solo aqui referido é apenas exemplo de um programa vasto dedicado a um criador da República Democrática do Congo, interventivo na melhoria das condições de vida. Este foi um ano extraordinariamente fértil: as bienais destas artes aconteceram quase todas em 2016, fazendo de 2017 o ano de ‘quase inexistência’ de bienais. E fora da moldura de raciocínio para a escolha da lista, não podem deixar de ser destacados: a genial colaboração de João Penalva e Rui Lopes Graça em “Quinze Bailarinos e Tempo Incerto”; “Turbulência”, de António Cabrita, Henriett Ventura, São Castro e Xavier Carmos; “Carnaval”, de Victor Hugo Pontes; e “Romeu e Julieta”, de Rui Horta. Cada uma a seu modo reafirmou uma linha de identidade coesa e relevante da atual Companhia Nacional de Bailado, dirigida por Luísa Taveira, que celebra 40 anos em 2017 e acaba de mudar de direção artística. ●